



O PERDÃO

Em comunhão com a Igreja universal, acabámos de experimentar o grande tempo litúrgico das festas pascais. Seguimos Jesus na sua paixão, entregue por ódio, carregando o fardo dos pecados dos homens. As suas últimas palavras são uma súplica dirigida ao Pai: «Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem» (Lucas 23,24). Das profundezas do seu sofrimento, Jesus exprime o âmago da sua missão: a salvação do mundo pela remissão dos pecados. Ao longo da sua vida pública, ele não cessou de proclamar, pela sua palavra e pelos seus actos, a misericórdia do Pai: « (...) Eu não vim chamar os justos mas os pecadores» (Marcos 2, 13-17).

Mas a salvação oferecida só pode ser recebida por um coração disponível. Assim como o perdão, até setenta vezes sete, e ainda, mais além, o amor aos inimigos, é o critério último da caridade cristã. Entregues apenas à nossa força humana, esta exigência pode parecer intransponível. No entanto, o perdão recebido, dado a nós mesmos e aos outros é a única via possível para uma vida livre e para a felicidade em família, lembra-nos o Papa Francisco.

A vida conjugal é o lugar por excelência onde se deve praticar o perdão. O perdão não é apenas uma ascese, condição do amor duradouro, é também um caminho de crescimento, de renascimento. O Padre Henri Caffarel não hesita em falar do casal com uma *comunidade de penitentes*.

Mas quando a ofensa parece imperdoável, o Padre Paul-Dominique Marcovits abre-nos aqui um caminho possível de libertação. Deus vem em auxílio da nossa fraqueza e permite que o elo quebrado seja renovado: «Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.» (Lucas 19,10).

O nosso serviço de intercessor encontra aqui a sua plena dimensão; ao rezar por todas as feridas humanas, a nossa oração junta-se à de Cristo morto e ressuscitado para a salvação do mundo.

BILHETE ESPIRITUAL

Nós acreditamos em um só baptismo para o perdão dos pecados

Páscoa! Tudo é novo! O velho mundo acabou, as trevas retiraram-se diante da luz, o mundo mudou de sentido: Cristo ressuscitou e atraiu-nos para a sua vida. Toda a nossa existência repousa nesta realidade inscrita no mais fundo de nós mesmos. O nosso equilíbrio está aí.

Será necessária a eternidade para percebermos um tal dom de Deus, o dom do seu amor. Sobre esta terra temos um «ante-sabor» desta realidade. As nossas «más tendências», como diz a liturgia, parecem estar ainda apegadas à nossa vida! Então a ressurreição do Senhor não nos liberta? Liberta. Certamente liberta. O mundo está trancado no nosso pecado, oprimido pela tristeza, sem esperança. Nós não nos reduzimos a esta parte sombria de nós mesmos. Deus olha-nos na luz. Quando nos olha, vê os seus filhos.

Maria, Maria Madalena, Maria a pecadora ... a quem tanto foi perdoado porque muito amou, Maria não é mais a mesma! Portanto o seu passado, o seu pecado são certamente rejeitados mas a memória está lá e a sua lembrança pode ser dolorosa. Mas não! O que ela lembra é o perdão de Jesus, é a lembrança do olhar de um homem que a respeitava, de um homem, o Filho de Deus: então nasce nela um verdadeiro amor que tudo transforma, que deixa a vida brotar. Compreendemos que ela se tenha tornado na primeira a ver o Ressuscitado e que ela fosse a primeira a anunciar aos apóstolos que Jesus estava vivo! Maria, testemunha da misericórdia de Deus, Maria, Apóstola dos Apóstolos, Maria vê o seu passado tornar-se portador de vida! (Evangelho de terça-feira de Páscoa, João 20,11-18).

Nós somos ressuscitados! Muitas sombras permanecem. Mas o poder da ressurreição é mais forte, mais profundo, mais essencial do que qualquer outra orientação que, em nós, desejaria desequilibrar-nos. Assim, nós experimentamos pessoalmente a força da ressurreição, o poder da graça do nosso baptismo. «Vós todos que fostes baptizados em Cristo, estais revestidos de Cristo» (Gálatas 3, 27). Nós acreditamos num só baptismo para o perdão dos pecados.

Paul-Dominique Marcovitz, o.p.
Conselheiro Espiritual dos Intercessores

A ALEGRIA DO AMOR

Amoris Laetitia – Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco. Datada de 19 de Março de 2016 e publicada em 8 de Abril de 2016. Extratos de « O Perdão» (números 105 a 108)

(reprodução do texto editado pela Paulus)

105. Se permitirmos a entrada de um mau sentimento no nosso íntimo, damos lugar ao ressentimento que se aninha no coração. A frase *logizelai to Kakón* significa que se «tem em conta o mal», «trá-lo gravado», ou seja, está ressentido. O contrário disto é o perdão; perdão fundado numa atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa, como Jesus diz: «perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» (Lucas 23,34). Entretanto, a tendência costuma ser a de procurar cada vez mais culpas, imaginar cada vez mais maldades, supor todo o tipo de más intenções, e assim o ressentimento vai crescendo e cria raízes. Deste modo, qualquer erro ou queda do cônjuge pode danificar o vínculo de amor e a estabilidade familiar. O problema é que, às vezes, atribui-se a tudo a mesma gravidade, com o risco de se tornar cruel perante qualquer erro do outro. A justa reivindicação dos próprios direitos torna-se mais uma persistente e constante sede de vingança do que uma sã defesa da própria dignidade.

106. Quando estivermos ofendidos ou desiludidos, é possível e desejável o perdão; mas ninguém diz que seja fácil. A verdade é que «a comunhão familiar só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício. Exige, de facto, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação. Nenhuma família ignora como o egoísmo, o desacordo, as tensões, os conflitos agridem, de forma violenta e às vezes mortal, a comunhão: daqui as múltiplas e variadas formas de divisão da vida familiar.» (João Paulo II, Exor. Ap. *Familiaris consortio* - 22 de Novembro de 1981, 21:AAS 74.1982, 106).

107. Actualmente, sabemos que, para se poder perdoar, precisamos de passar pela experiência libertadora de nos compreendermos e perdoarmos a nós mesmos. Quantas vezes os nossos erros ou o olhar crítico das pessoas que amamos nos fizeram perder o amor a nós próprios; isto acaba por nos levar a acautelar-nos dos outros,

esquivando-nos do seu afeto, enchendo-nos de suspeitas nas relações interpessoais. Então, poder culpar os outros torna-se um falso alívio. Faz falta rezar com a própria história, aceitar-se a si mesmo, saber conviver com as próprias limitações e inclusive perdoar-se, para poder ter esta mesma atitude para com os outros.

108. Mas isto pressupõe a experiência de ser perdoados por Deus, justificados gratuitamente e não pelos nossos méritos. Fomos envolvidos por um amor prévio a qualquer obra nossa, que dá sempre uma nova oportunidade, promove e incentiva. Se aceitarmos que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros, ainda que tenham sido injustos para conosco. Caso contrário, a nossa vida em família deixará de ser um lugar de compreensão, companhia e incentivo, e tornar-se-á um espaço de permanente tensão ou de castigo mútuo.

Henri Caffarel

O CASAMENTO, CAMINHO PARA DEUS

Revista «L'anneau d'or»

Número especial 117-118 (Maio-Agosto, de 1964

Extratos de «Reconciliação conjugal»

Mas deixemos de lado os que se afastaram do amor. Voltemos ao lar, às confrontações entre o amor e o não-amor. É importante considerar como, quando o não-amor os separa momentaneamente, os cônjuges podem voltar ao diálogo e renovar a comunhão de amor. Numa palavra, pensemos em que consiste o processo da reconciliação conjugal. A disposição de base é não se precipitar na rotura, no não-amor. É imperativo reconhecer a falta para com o cônjuge, admitir e condenar os erros cometidos. Pedir perdão é a sequência lógica deste reconhecimento.

É grande prova de amor esta manifestação de humildade. Em primeiro lugar porque aspira compensar o défice de amor de que se reconhece culpado.

Entretanto, também é necessário que o ofendido se mostre acolhedor. Se conseguir perdoar a ponto de retomar total confiança, terá realizado uma admirável e inesperada experiência.

Recordemos o profeta Oseias a quem Deus pede que volte a receber a sua mulher infiel.

Tendo-o feito com um coração sem reticências, mais tarde bastou-lhe recorrer à sua experiência pessoal, no dia em que lhe foi necessário revelar a fidelidade, a ternura e a misericórdia de Yahvé para com o seu povo adúltero. Se o profeta não tivesse sabido perdoar, não teria podido penetrar nos segredos do coração de Deus, e seríamos privados de alguns dos mais comoventes versículos da Bíblia.

»O meu coração alterar-se-á, diz Yahvé. Não voltarei á minha cólera. Vou seduzi-la de novo (à nação judaica). Vou conduzi-la ao deserto e falarei ao seu coração. E ela responderá como nos dias da sua juventude» (Oseias 2, 16-17).

Saber perdoar é sabedoria muito necessária às pessoas casadas.

Numa refeição de casamento, um certo padre terminava assim uma «saúde» aos noivos: «De todas as graças que peço para vós, há uma que solicito especialmente a Deus: que ao longo de toda a vossa vida saibais perdoar um ao outro». Os solteiros pareceram muito surpreendidos, mas os casais velhos, nem por isso.

Não adormeçam sem fazer as pazes. Alguns casais jovens assumem esta regra e guardam-na ciosamente. Pressentem que o futuro do seu amor beneficiará.

Um exemplo possível: ao deitar, pela primeira vez em três anos de casados, a esposa recusa o beijo da paz. Sem dizer nada, o marido (um lorenço) põe-se de joelhos junto à cama e começa a recitar o terço, convencido que era uma situação grave. Sabendo que ele era capaz de passar a noite assim em oração, a mulher não o deixou passar para além da terceira dezena!

PERDOAR ... ATÉ ONDE?

Paul-Dominique Marcovits

Colecção Epiphanie – Edição do CERF – Janeiro 2013

Perdoar em silêncio (extractos)

Perdoar em silêncio. De que se trata? De entregar este perdão a Deus. Este perdão que eu não posso dizer ao outro, este perdão que toca ainda a minha sensibilidade, a minha fragilidade, este perdão em germe, ou ainda este perdão total que eu tenho no meu coração... entrego-o a Deus, deposito-o nas suas mãos. Deus se encarregará de o transmitir àquele que nos ofendeu. Perdoar em silêncio não é desembaraçarmo-nos do outro ou do problema: «eu volto a página,

não há mais nada a fazer»; é colocar o outro e tudo o que ainda é difícil entre nós, nas mãos de Deus. Trata-se de um grande acto de fé, aquela fé que tinha dito ser fonte de perdão. Deus sabe o que é conveniente fazer pelo outro e fá-lo-á. Sim, Deus saberá esclarecer o cônjuge que foi muito duro, o que foi responsável, e saberá juntar os corações. Deus conhece-nos, a um e ao outro, no mais profundo de nós, e olha-nos como ligados em conjunto pelo poder do seu perdão. No invisível, Deus torna fecundo o perdão que nós colocámos nas suas mãos.

O Senhor é terno e misericordioso

(extractos do salmo 103)

É Ele quem perdoa as tuas culpas
E te cura das tuas enfermidades
É Ele quem resgata a tua vida do túmulo
E te enche de graça e de ternura
É Ele quem cumula de bens a tua existência
E te rejuvenesce como a água

Uma oração para aprender a perdoar e a pedir perdão

Senhor Jesus, por esta oração recorro a Ti.
Tenho confiança na tua Palavra e abro inteiramente o meu coração
Reconhecendo os meus pecados imploro o teu perdão para cada um deles.
Apresento-te a minha vida, desde o dia em que nasci até hoje.
Neste percurso estão todos os meus erros, insucessos, angústias, sofrimentos,
e a minha completa ignorância da tua Palavra.
Senhor Jesus, filho do Deus vivo, tem piedade de mim, pecador!

Vem em meu socorro! Perdoa os meus pecados, conhecidos e encobertos.

Livra-me de todos os vícios e de todo o mal.

Na tua presença quero perdoar a todas as pessoas que me ofenderam, contristaram ou atentaram contra mim.

Tal como peço o teu perdão para os meus pecados, contando com a tua graça, dou-lhes também o meu perdão e entrego-tos, fazendo apelo à tua misericórdia infinita para cada um de nós.

Neste momento Jesus vem até mim, recebo-te como Mestre e Senhor.

Vem viver em mim, dá-me a graça de viver intensamente a tua Palavra em todas as circunstâncias, dia após dia. Inunda-me com o teu Espírito.

Vem viver em mim, Jesus, e não me deixes afastar de Ti.

De todo o meu coração professo a fé do meu baptismo, seguro de que a Graça concedida por Deus na tua pessoa, pelo poder do Espírito Santo, me trará cura, apoio e me guiará nesta nova etapa que começo hoje a teu lado.

Ámen.

Maísa Castro. Com o seu marido Régis fazem parte do Movimento brasileiro de Renovação Carismática Católica desde 1977, fundadores com o padre jesuíta Eduardo Dougherty numa comunidade católica em 1984 «Aliança Jesus vos ama» e autores de um Terço de Libertação.

INTERCESSÃO GERAL - FÁTIMA

O XII ° Encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora realizar-se-á em Fátima de 16 a 21 de Julho de 2018.

Senhor, nós te pedimos para que **Fátima 2018**, como desejou o padre Henri Caffarel, desde o primeiro encontro internacional em 1954, *renove o dom de si, vontade ardente e deliberada de pôr as equipas de Nossa Senhora ao serviço da Igreja:*

Fazer dos nossos filhos, filhos seus;

Oferecer-lhe com empenho os que Deus venha chamar para o «mais alto serviço»;

Trabalhar com todas as forças para transmitir tudo o que aprendemos sobre o matrimónio a tantos lares que o ignoram e que o desejam;

Colaborar no trabalho missionário, a começar pelas nossas paróquias.

Queridos amigos

*Não julguem e não sereis julgados
Não condenem e não serão condenados
Perdoem e serão perdoados (Lc, 6:37)*

Neste período que antecede o Pentecostes em que celebramos a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e que com a sua força lhes deu a coragem para anunciar a Palavra, a carta dos intercessores alerta-nos para a importância e a força libertadora do perdão (Indira Gandhi dizia que os fracos não podem perdoar porque o perdão é um atributo dos fortes).

O Papa Francisco não poderia deixar de abordar o tema na Ex. Ap. *Amoris Letitia* e presentearmo-nos com uma belíssima reflexão no capítulo dedicado ao Amor no Matrimónio. Apoiando-se na Ex. Apostólica *Familiaris Consortium* do Santo Padre João Paulo II, escreveu o nosso Papa: “*a comunhão familiar só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício*”. E para que esta comunhão persista e se desenvolva, o perdão é uma das pedras angulares.

Agora pensamos nós: se é preciso tão grande espírito de sacrifício para perdoar aqueles que nos são queridos, de nos reconciliarmos com aqueles com que fazemos a caminhada de santidade para o Seu Reino, como será possível perdoar aqueles que nos querem mal ou nos prejudicaram?

Ó Jesus dai-nos a força para podermos dizer como Vós: “*Perdoai-lhes porque não sabem o que fazem*”. De outro modo não é humanamente possível!

Intercedamos junto de Jesus para que, iluminados pela *Amoris Letitia*, possamos, nos momentos de revolta, olhar para os irmãos que nos ofenderam com os olhos de Cristo que, de todos, é Pai.

Um abraço em Cristo

Rita e Joaquim